

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO XI

VOLUME I



COIMBRA / 1964

mas em *Henrique* (D. Afonso), e antes do Conde seu pai, do Infante Navegador e do Cardeal-Red...

'Finalmente, importa dizer que certas fichas ideográficas do índice são bastante incompletas, de modo que o mais prudente, para o investigador, será percorrer o volume...

Assim, na palavra *Gados* (p. 610), não se citam os documentos das pp. 163, 269, 273, nem o importantíssimo *Regimento dos verdes e montados do Campo de Ourique*, publicado em 1699 (pp. 325-327).

Em *Pragmáticas* (p. 649) falta a indicação dos textos das pp. 273-274, 309, 328-329, 330.

Em *Vinhos* (p. 678), nem uma palavra sobre as fontes descritas nas pp. 250-251. Se o leitor se lembrar de procurar em *Companhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro*, lá as encontrará citadas (p. 590), mas uma simples remissão (neste e noutros lugares do índice) teria sido uma boa ajuda.

Tudo quanto dizemos na segunda parte desta recensão pode diminuir um pouco, mas de modo nenhum anular o valor do *Guia*, que é obra não só útil, mas utilíssima. ÍFor isso fazemos votos pelo rápido aparecimento do volume n, expurgado, tanto quanto possível, dos defeitos que apontámos no i.

L. F. DE A.

RODRIGUES CAVALHEIRO — *D. Manuel II e João Franco*. Correspondência inédita, Lisboa, 1967. Separata de *Sulco*, 2.^a série, n.ºs 8 e 9. 67 pp.

É sabido que a tragédia de 1 de Fevereiro de 1908 e a reunião do Conselho de Estado lefectuada no dia seguinte levaram à demissão de João Franco, obrigado pouco depois, pelo novo Governo, a sair do País. A chamada política de *acalmção* ia destruir a obra do *franquismo*, sem conseguir, no entanto, salvar as instituições: a 5 de Outubro de 1910, D. Manuel II partia também a caminho do exílio.

Que ideia tinha o monarcho do último presidente do Conselho de seu pai? E que relações houve entre os dois? Convictamente ou por força das terríveis circunstâncias do momento, D. Manuel II,

que a si mesmo se considerava «um rei novo sem experiência, mas com urna grande vontade de acertar»⁽¹⁾), retirara o poder a João Franco, e este remeteu-se desde então à vida privada.

Até 1910 parece que nada devia aproximá-los. E depois, quando ambos se encontravam no exílio? Não consta que o antigo chefe do Governo tenha participado, sob qualquer forma, nas tentativas de restauração monárquica, e nada se sabia, até há alguns anos, de relações com o destronado Rei. No entanto, quando o discutido político morreu (1929), D. Manuel II escreveu a um amigo: «Fez-me a maior pena e impressão, por *todos os motivos*, o fallecimento d'esse illustre Fortuguez...» (2). Palavras significativas. Mas exprimiam uma opinião recente ou antiga?

Numa conferência realizada em 1954, o Prof. Rui Ulrich, referindo-se a um encontro que tivera em Londres com o Rei exilado (1931), dava uma interessante informação: «Um dos traços mais notáveis era a contrariedade, para não dizer o desgosto, com que El-Rei encarava os acontecimentos do seu curto reinado. Não se queixava El-Rei e não acusava ninguém, mas era fácil descortinar a sua convicção do erro da política seguida sob a influência dos seus conselheiros de então. [...]. Era visível a sua alta admiração pelo conselheiro João Franco, essa grande figura da nossa política, ao qual me ligavam os mais sinceros sentimentos de admiração e devotada amizade. O pensamento do Rei neste particular deve estar claramente atestado nas cartas que ele dirigiu a João Franco durante o seu exílio» (3).

Havia, pois, uma correspondência... E este facto, até então «quase totalmente ignorado, pois só a familia do Estadista o conhecia» (4), devia suscitar natural interesse. O Dr. António Rodrigues Cavalheiro, que há bastantes anos se dedica ao estudo de Franco e da sua época, sobre os quais já publicou numerosos e importantes

(1) Carta a Ferreira dio Amamal (12-Maio-1908), lin A. Ferreira do Amaral, *A Acalmação e Dom Manuel II*, Lilsboia, 1966, p. 294.

(2) Carta a*o visconde do Torrão (12-Abril-1929), dn lAntónio Cabral, *Cartas d'El-Rei D. Manuel II*, Lisboa, 1933, p. 286.

(3) *(Conferência proferida na Sala de Leitura D. Manuel II do Paço Ducal de Vila Viçosa*, Lisboa, 1954, pp. 15-16. Cfr. (R. CalvaÛheiro, *D. Manuel II e João Franco*, pp. 60-61.

(4) Rodrigues Cavalheiro, *No centenário de João Franco*, in *Política e História*, Lisboa, 1960, p. 115.

trabalhos ⁽⁵⁾, imprimiu no presente opúsculo a referida coirrespondência, acompanhada de comentários ⁽⁶⁾. Qual o interesse dessas cartas?

Pouco mais de três meses tinham passado sobre a data da proclamação da República, quando vemos D. Manuel dirigir-se por escrito a João Franco (16-Janeiro-1911), nesse momento a viver no sudoeste da Fiança. Depois de afirmar que há muito lhe quieria escrever, «após os tremendos acontecimentos de Outubro», e que de todo o coração o acompanhara nos «tão duros momentos» passados e ao ter conhecimento «de todas as infâmias e baizezas» contra lele espalhadas, o desiludido soberano queixava-se das agruras do exílio e da «dura e «cruel recompensa» que tinham encontrado o seu próprio trabalho e dedicação pelo País. Acrescentava, num desabafo revelador: «Muito tenho pensado em si, João Franco, e lembro-me então, ainda mais, daqueles tremendos dias de Fevereiro de 1908!» Quase a terminar, dava a combeaar o principal objective da carta: o futuro de Portugal preocupava-o e, por isso, tinha «o máximo empenho» em saber a opinião do antigo presidente do Conselho sobre a situação do País e em ter com ele correspondência, de modo a trocarem «ideias e maneiras de ver» (pp. 14-15).

A resposta de João Franco não tardou, mas não era a que esperava o monarca deposto. Redigida em termos deferentes, representava, no entanto, uma firme recusa. O autor dizia ter-se «afastado inteira e definitivamente da política», desde o dia em que fora substituído no Governo, e essa decisão, «embora tomada sob o império de uma das mais cruéis idões que pode alancear a alma humana», fora «meditada e reflectida», e posta em prática com a sua «decisão e sinceridade costumadas». Os acontecimentos posteriores tinham-no firmado na sua resolução e os dissabores recentes levavam-no a afastar-se longamente da Pátria. Nestas circunstâncias, entendia que de modo nenhum os seus conselhos ou informações podiam ser úteis (pp. 19-21).

⁽⁵⁾ Entre outros, *Política e História*, (Lisboa, 1960; *Homens e Ideias*, Lisboa, 1960; *A evolução espiritual de Ramaão*, Lisboa, 1963; *O regicídio de 1908 e as suas consequências*, in *Sulco*, 2.^a série, m.º 4, (Novembro-Dezembro de 1965, jpp. 489-503.

⁽⁶⁾ As cartas originais de D. Manuel II (seis) e a cópia das de João Franco (sete) encontram-se no meu arquivo particular do antigo presidente do Conselho, hoje em poder do meu descendente (F). *Manuel II e João Franco*, pp. 13-14).

Surpreendido e penalizado, D. Manuel não abandonou o seu projecto e aproveitou todas as oportunidades ou pretextos para nele insistir, manifestando a sua «grande amizade e admiração» pelo estadista (carta de 25-1-1911, p. 2,2), e forçando-o a uma troca de correspondência que se prolongou até Julho de 1912. Nada conseguiu afastar João Franco da sua «resolução *imutável*, do «absoluto afastamento político» a que se votara (carta de 14-9-1911, p. 40), mas as explicações e justificações da sua atitude constituem hoje elementos de interesse para o historiador (Cfr. pp. 40 e 54). Acabou, mesmo, por sintetizá-las numa expressão que admiravelmente o define: «Fuá sempre mais homem de acção que de «conselho e de todo impróprio a «entrar nas cousas por metade» (carta de 6-7-1912, p. 54).

Rodrigues Cavalheiro não se limitou a publicar estas cartas e alguns documentos mais (7) ; procurou integrar os textos no ambiente político do tempo e mostrar a sua importância para a compreensão dos acontecimentos e das principais personagens neles envolvidas. Note-se especialmente a forma como relaciona a carta de D. Manuel II de 14 de Março de 1912 (sobre os grandes riscos que corria o País, «por várias circunstâncias internas e externas») com as renovadas negociações anglo-alemãs acerca do Ultramar português e a acção do Rei exilado, que procurava contrariá-las (pp. 43-51).

Com algumas considerações do A. à volta dos documentos nem todos, provavelmente, concordarão, mas isso é natural: esta época, a mais de meio século de distância, ainda agora suscita controvérsias apaixonadas. De qualquer modo, os trabalhos de R. C., baseados em fontes inéditas e noutras impressas mas esquecidas, não podem ser ignorados por quem deseje conhecer bem a vida política portuguesa da primeira década do século xx. Por isso, é muito de estimar a notícia da «edição próxima da biografia de João Franco, a que o autor, debruçando-se sobre milhares de «cartas e papéis inéditos da época, se dedica há alguns anos» (p. 8) (8).

(7) Além de carta® de João Franco para o conde de Arnoso e o Piiiof. Tiedxeiira <ie Abreu (pp. 27-30), o A. imprime a carta que, a 5 de Março de 1929, o antigo presidente do Conselho dirigiu ao Pirof. dividirá iSallaziair a (propósito do seu primeiro relatório financeiro (pp. 63-64) e a resposta do então ministro da® Finança® (pp. 64-65).

(8) rCfr. *Política e História*, p. 83; *A evolução espiritual de Ramalho*, p. 284 (n. 24).

Oxalá possa também pôr brevemente ao alcance dos estudiosos, em volumes que está a organizar, a correspondência do célebre estadista (mais de 800 cartas, de 1880 a 1929), que conseguiu encontrar e copiar «em anos de aturadas pesquisas» (9). Sem esquecer, evidentemente, as *Novas Cartas de El-Rei D. Carlos a João Franco* e a documentação inédita relacionada com questões tão controversas como a greve académica de 1907 e o Regicídio (10). A revelação destas fontes e o seu estudo devem ser do maior interesse para a compreensão de uma época agitada, com muitos aspectos ainda hoje mal conhecidos.

L F. DE A.

(9) *A evolução espiritual de Ramalho*, pp. 284 (n. 24) e 413 (n. 17.).

(10) *Ibid.*, pp. 37 (n. 8), 321-322 (n. 15)., 363 (n. 20), 413 (n. 20). Nesta obra o A. amancia ainda a publicação de muito® outro® documentos e a preparação de vário® trabalho® sobre figura® e acontecimentos importantes do reinado de D. Cario®.